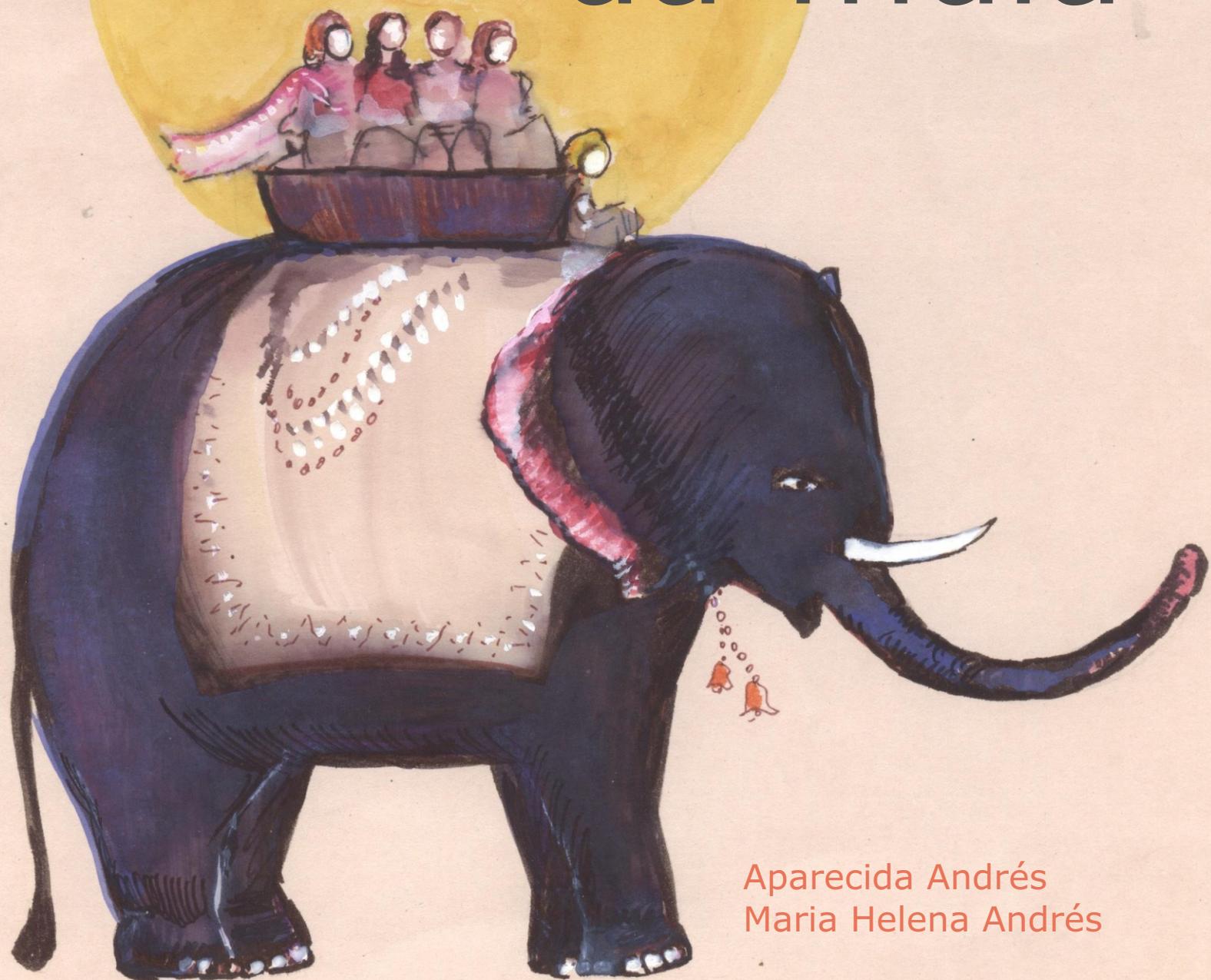


Pepedro nos caminhos da Índia



Aparecida Andrés
Maria Helena Andrés

Pepedro

nos caminhos da Índia

Copyright

Instituto Maria Helena Andrés

Autora

Aparecida Andrés

Ilustradora

Maria Helena Andrés

Diagramação

Fernanda Granato

Revisão

Mariângela Pimenta Ramos



INSTITUTO
MARIA HELENA ANDRÉS

Belo Horizonte, 2021



CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS

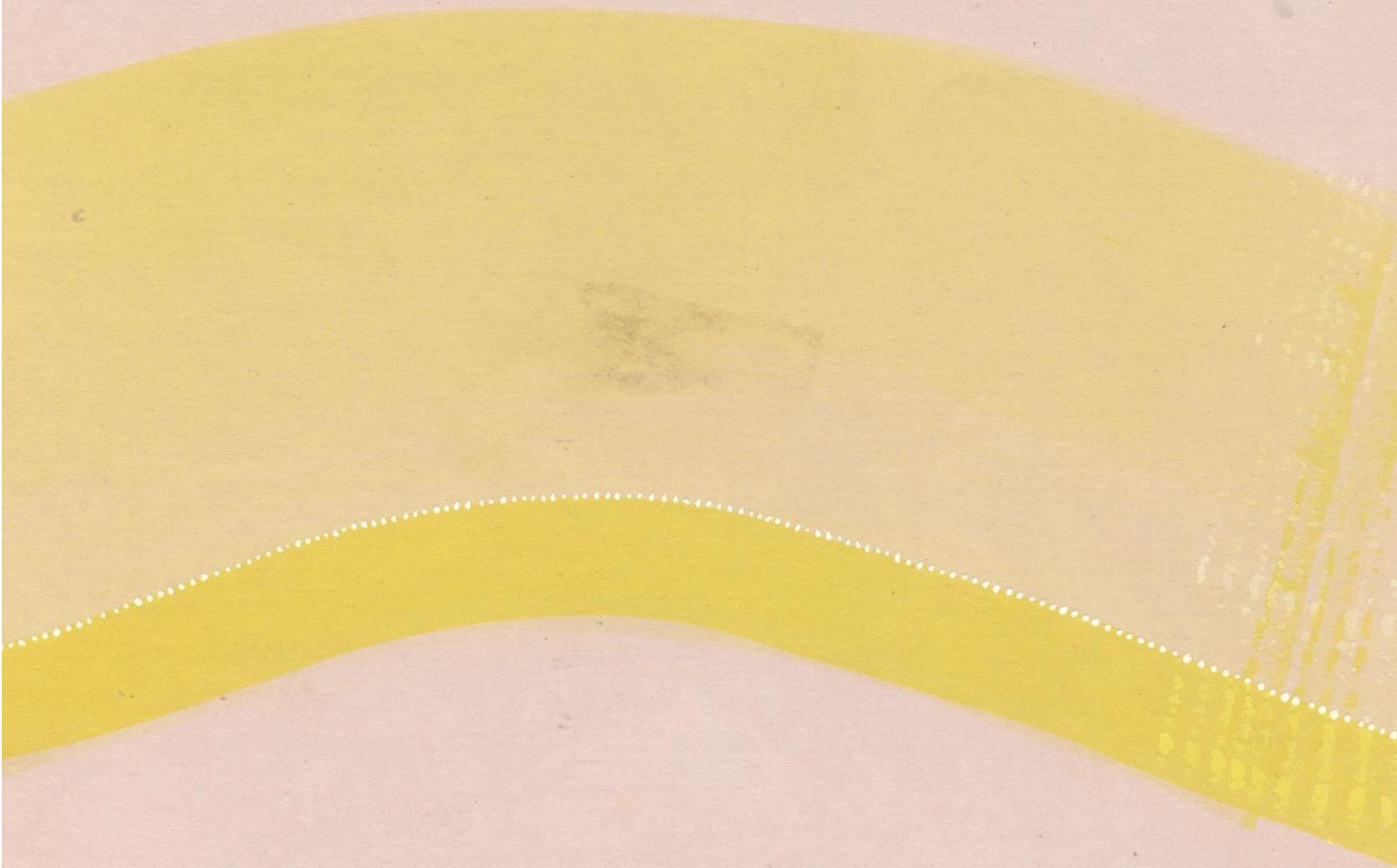
GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

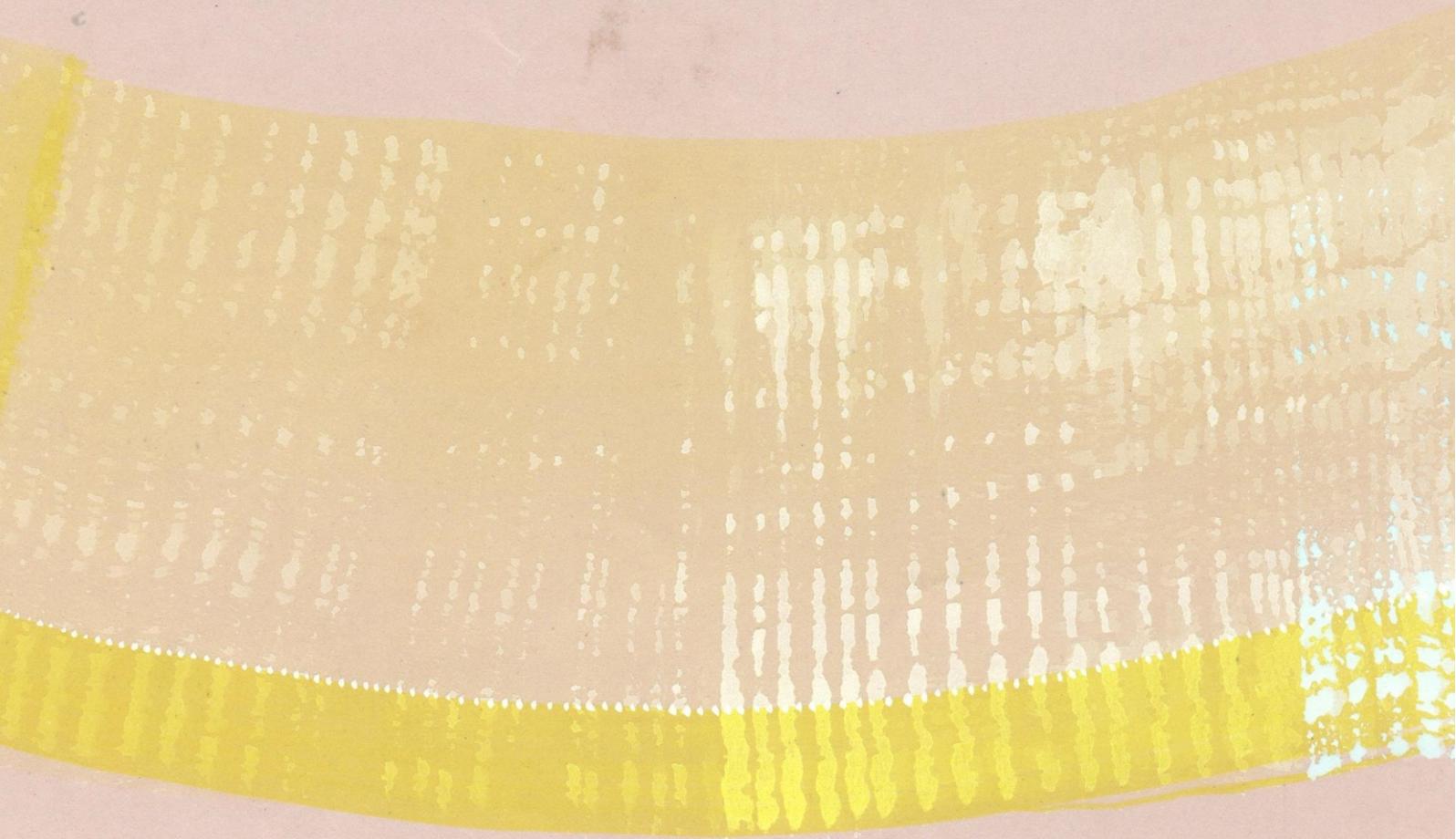
MINISTÉRIO DO
TURISMO



a descoberta



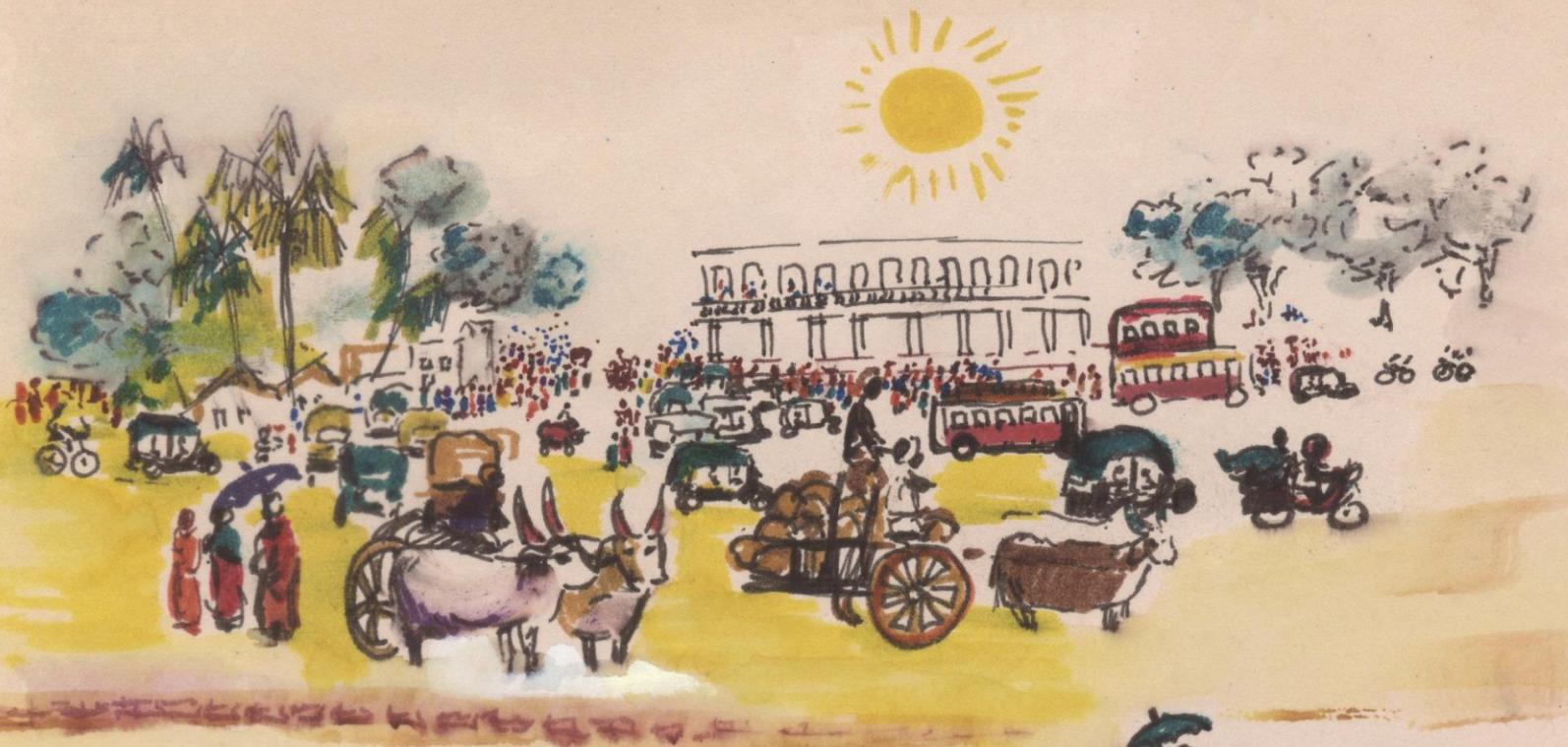
Era uma vez um menino,
que um dia foi viajar
lá pro outro lado do mar.





Pepedro é o seu nome.
Acompanhando a família,
pro mundo afora voou.
Sobre cidades e florestas,
montanhas, rios, desertos,
muito céu atravessou.



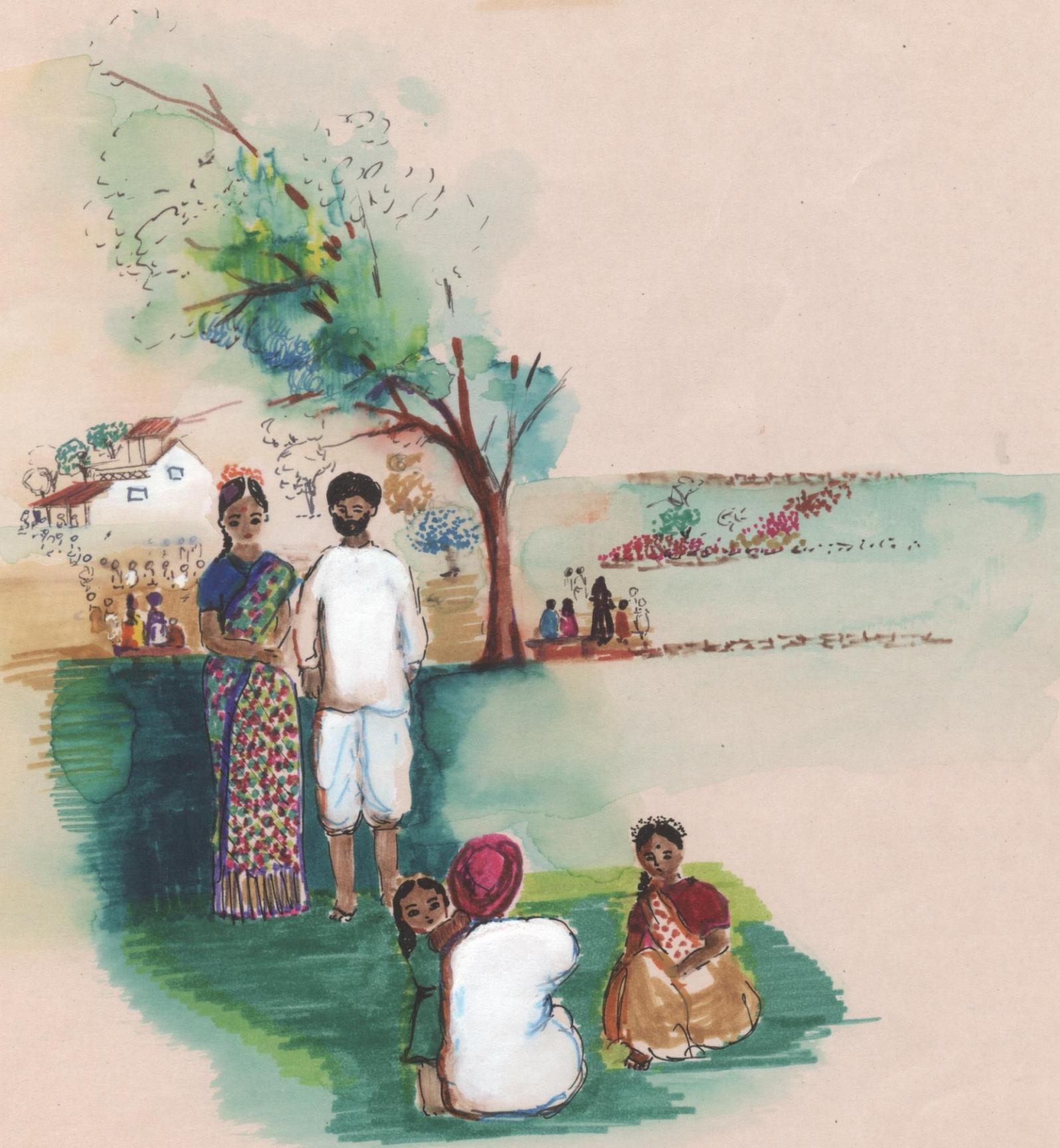


Um dia chegou à Índia,
um país muito distante.
Sua capital, Nova Délhi,
era grande e diferente:
lá havia prédios altos
como esses do Brasil.
As ruas, como eram cheias!
Carros de boi, bicicletas,
carros, carroças, lambretas,
ônibus de dois andares,
táxis de três rodinhas
passavam pra lá, pra cá,
buzinando sem parar.
E nas calçadas das ruas,
um mundão de gente andava.

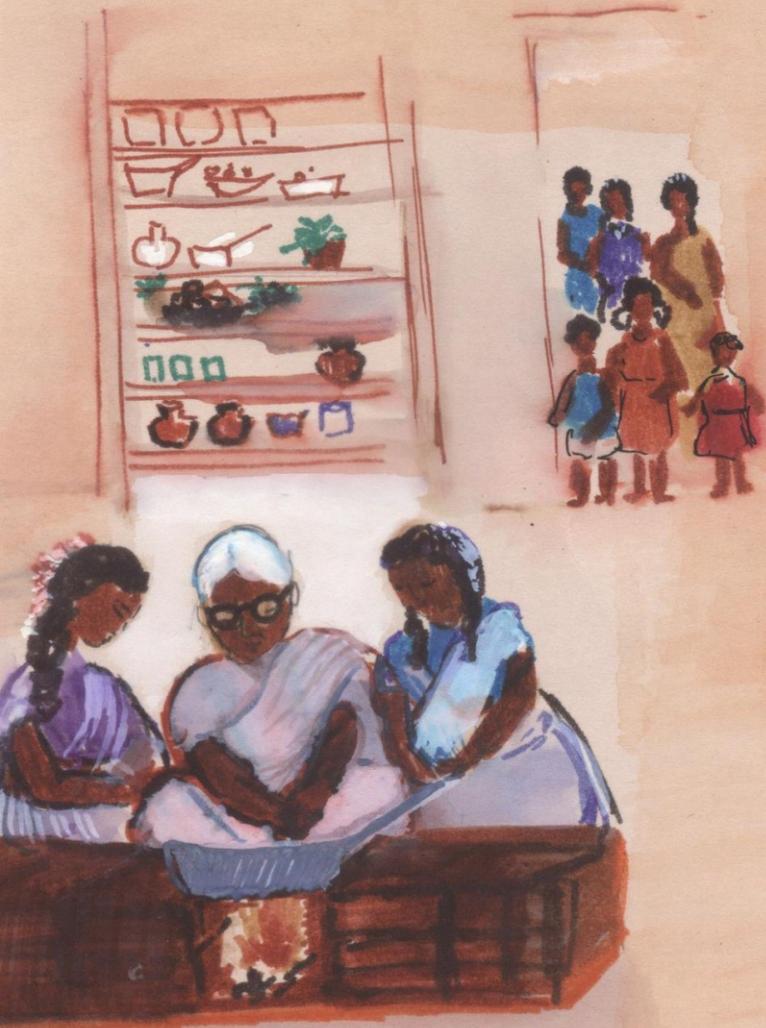


Ali também, como aqui,
todo mundo se vestia,
falava, comia e ria.
Havia que trabalhar,
havia que descansar.
Mas como era diferente
o jeito daquela gente!





Tinham a pele morena e os cabelos bem pretos.
Enrolavam-se em panos com as cores do arco-íris.
As moças usavam joias no pé e até no nariz.
Crianças de olhos pintados e de flores nos cabelos
brincavam com a trança da mãe ou com o turbante do pai.



Nas famílias indianas,
junto com os pais e as crianças,
moram os avós, tios e primos.
A avó, sempre ocupada,
vai ensinar às meninas
os segredos da saúde,
as receitas da cozinha.

Assunto de casamento
é tratado pelos pais
ou por meio dos jornais.
A noiva sempre tem dote,
seja ela pobre ou rica.
E com a sogra vai morar
logo depois de casar.



M.C.B. 13, Sanjeev Naik Lane, near
Avenue Road, Bangalore-2 arranging
alliance among Bangalore settled
Brahmins / Lingayats / Vokkaligas /
Naidus / Nambiar, Parents/Bache-
lors correspond. C152788(21)

WANTED a bride for Udipl Shivalli
Madhwa Doctor 26, employed in
USA and a highly qualified Engineer
or Doctor Bridegroom for his beauti-
ful graduate sister 23 Box No. 8858
C/o. Deccan Herald, Bangalore-1.

WANTED well placed bridegroom
from brahmin or other high caste
hindu families for M.Sc., vegetarian
girl employed 25 years 156 cms
height fair complexion father brah-
min mother nair, language state no
bar. Reply with details to Box No.
8877 C/o. Deccan Herald, Bangalore-1

Se era hora de comer
muitos sentavam no chão.
Quem estava apressado
comia em pé, no passeio,
em pratos de folha de bananeira.
E nada de garfo ou faca!
A mão direita se usava
pra amassar bem a comida
nos molhos apimentados.

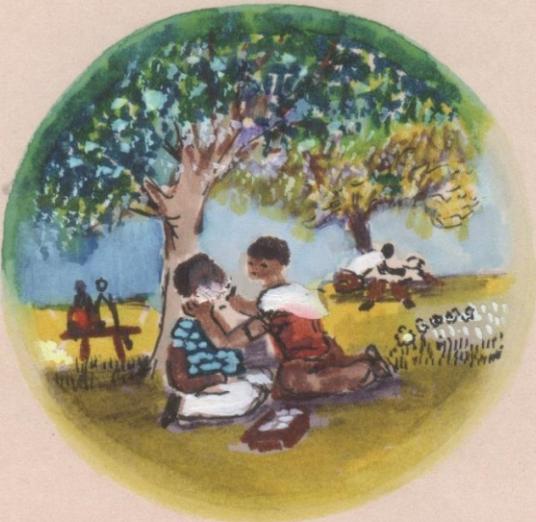


Chá com leite, a toda hora,
e também água de coco
eram muito apreciados.
E quanta fruta variada
nos carrinhos da calçada!





Nas lojinhas pequeninas,
os vendedores, no chão,
tratavam de seus negócios.



Barbeiros e massagistas
cuidavam de seus fregueses
na sombra fresca das árvores.



E os varredores, curvados,
com suas vassouras sem cabo,
trabalhavam, trabalhavam.

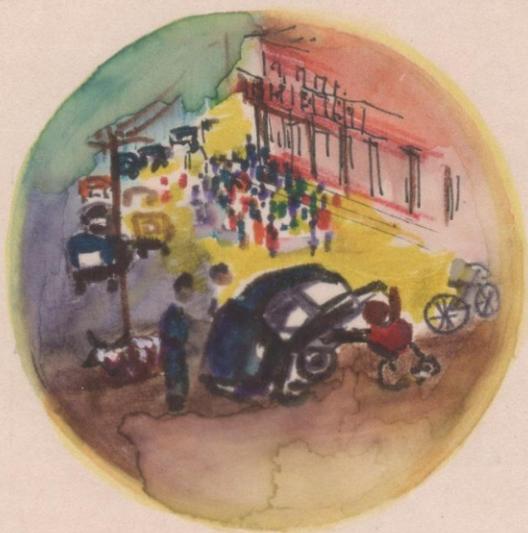
As mulheres e meninas carregavam areia e pedras nas construções da cidade.



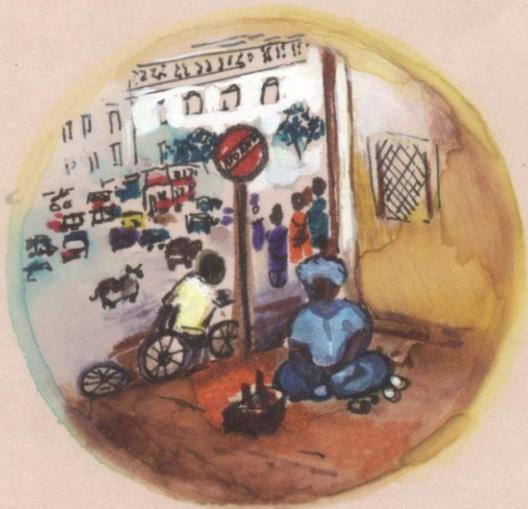
Meninos vendiam nos parques amendoim, salgadinhos. Ou engraxavam sapatos.

Os transportes mais usados eram o ônibus, a bicicleta, e um carrinho de três rodas, o autorriquixá.

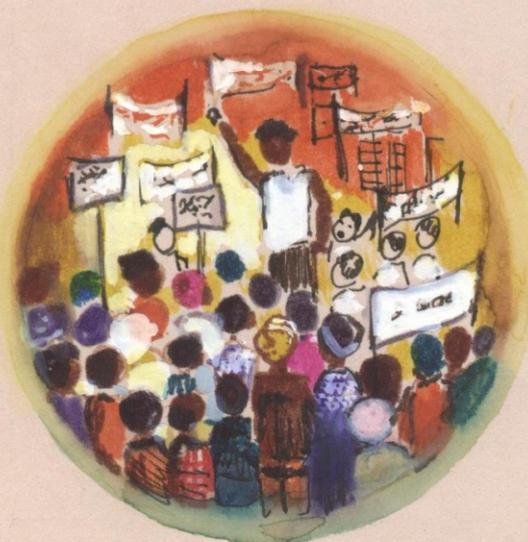




Os mecânicos ambulantes
saíam de bicicleta
atrás de carros com defeito.



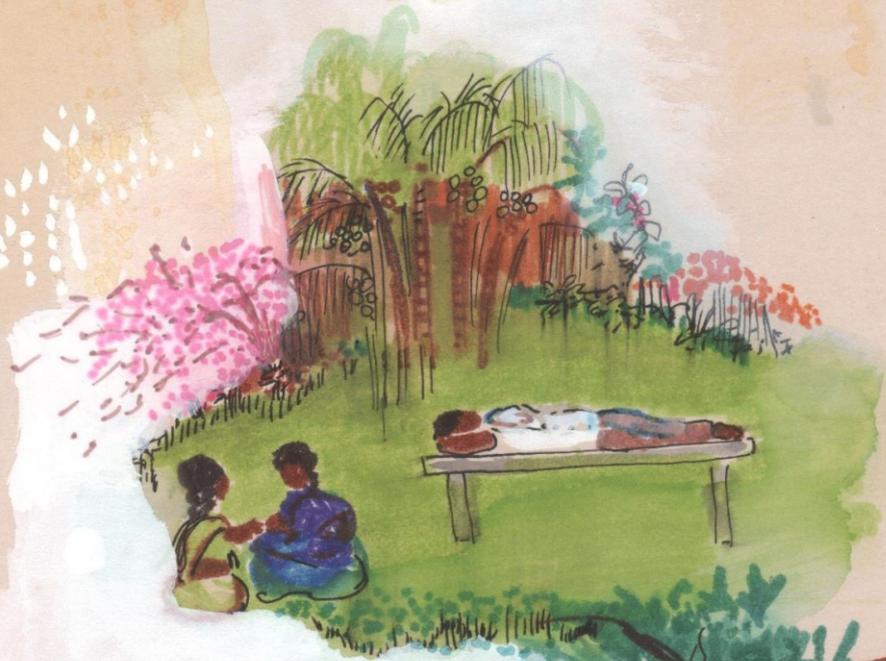
Os sapateiros
e os consertadores de bicicleta
se assentavam em cada esquina.



Se alguma coisa errada
no trabalho acontecia,
o povo fazia greve
e se juntava na praça.

No caminho para casa,
à saída do trabalho,
os amigos, de mãos dadas,
iam lentos, conversando.
Uns a pé, uns pedalando.

Havia muitos parques
em que as pessoas descansavam.
Ali, o tempo passava
no canto dos passarinhos,
na corrida dos esquilos,
no pulo dos macaquinhos,
na dança das folhas e flores.





Era engraçado pensar que aquela gente toda podia estar conversando em língua hindi ou bengali, em kanada ou telugu, em malayalam ou tâmil, em árabe ou em inglês, e até em português!



É que muitos anos atrás, povos da Arábia, da Pérsia, China, França, Holanda e Grécia, de Portugal, da Inglaterra foram à Índia querendo suas riquezas conquistar. Como reis, imperadores, ou como "governadores", esses povos forasteiros ficaram por muito tempo em regiões do país.

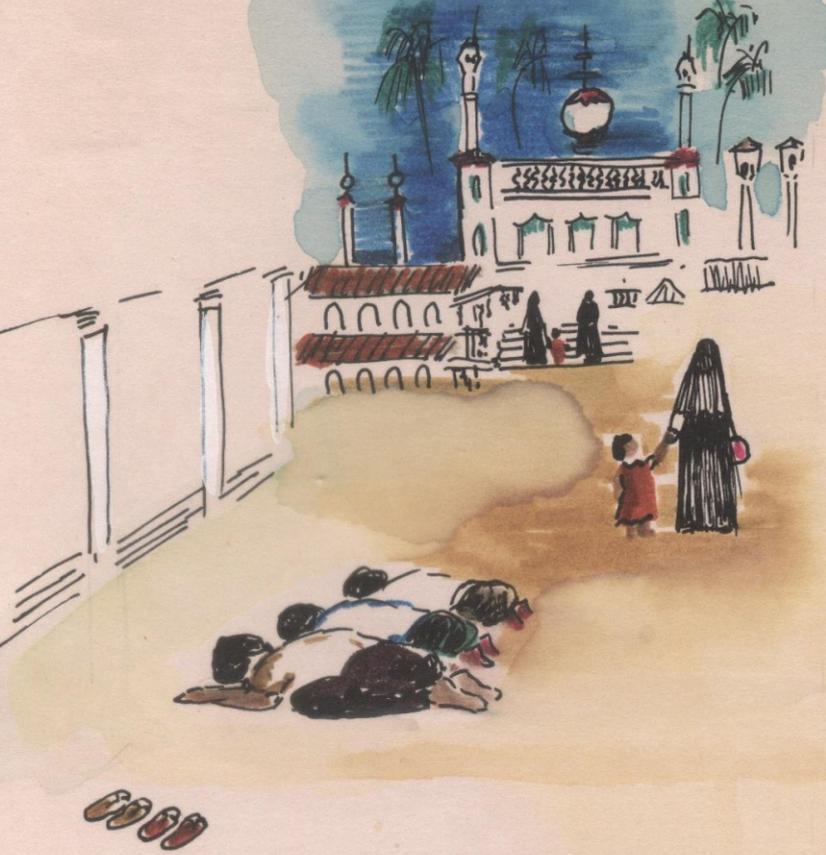
Depois de muito lutar, a Índia tornou-se livre. E as crenças, línguas e usos, levados pelos de fora, já haviam se misturado aos que lá existiam.

Por isso, hoje acontece de os jornais e as conversas serem em línguas variadas. E as várias religiões têm, na Índia, seus fiéis.



Os hindus rezam nos templos levando flores e frutas aos seus deuses coloridos. Cada deus tem uma história, templos em sua homenagem e um dia de festival.





Na mesquita, os mulçumanos e suas mulheres de preto, de rosto todo coberto, reúnem-se em oração. Frente às paredes lisinhas, sem nenhum deus ou enfeite, ajoelham-se e se curvam pondo a cabeça no chão.



Nos templos sikh, à noite, há reza, cantos, tambores. Os homens sikh usam barbas, e turbantes enrolados para cobrir os cabelos que jamais podem cortar.

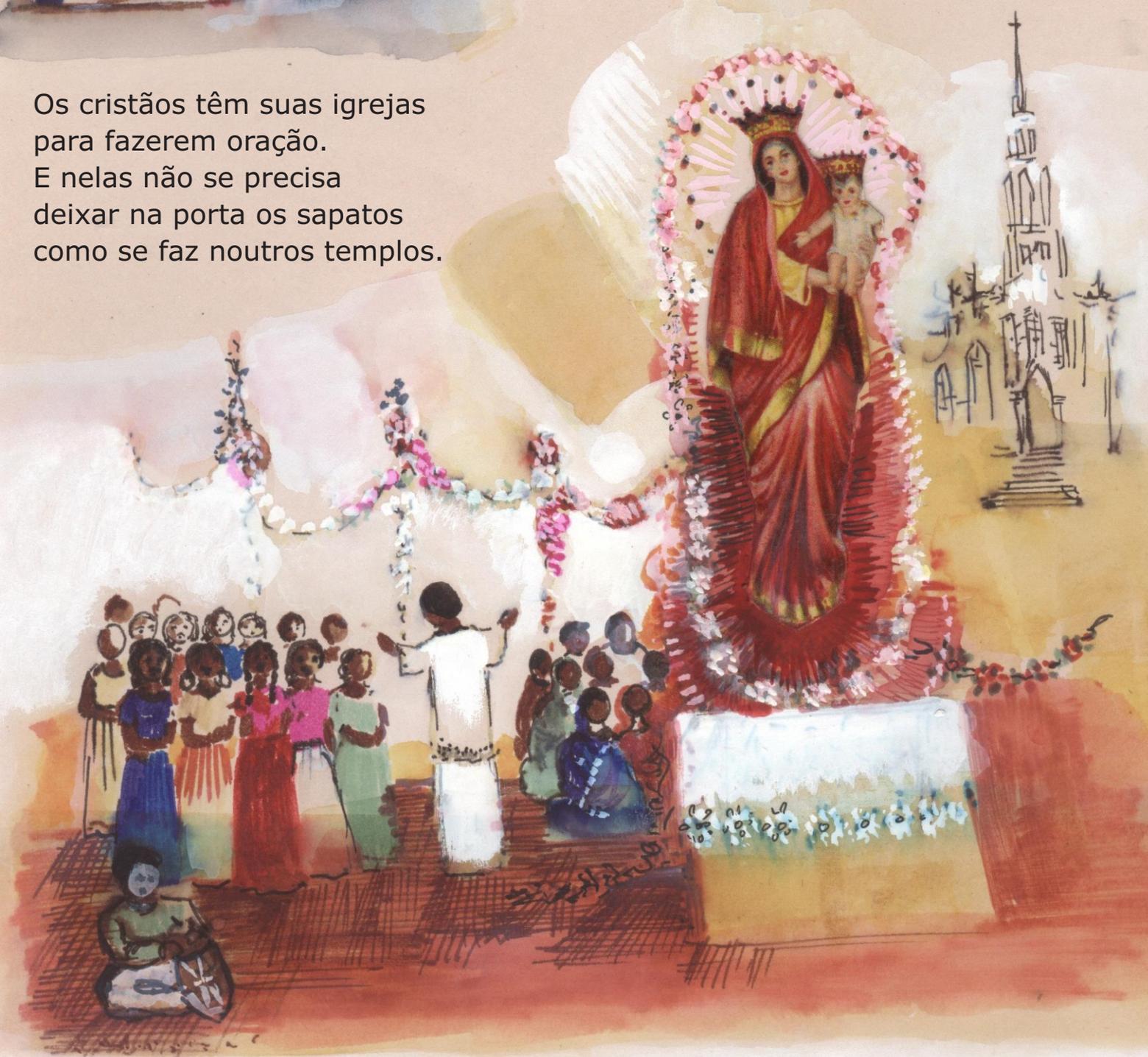
Na lua cheia de maio,
os budistas comemoram
o seu dia de Natal.
Nas casas, muita alegria,
luzes, lanternas, balões
de papel crepom em cores.
Nos templos, Budas de ouro
ganham ofertas de flores
e muitas preces dos monges.



Os gurus são homens sábios
que recebem a visita
de gente que vem de longe.
Moram em lugares tranquilos,
conversam, oram, meditam.
Suas ideias correm mundo.

E nas igrejas católicas,
os santos e a Virgem Maria
trocam o sari todo dia.

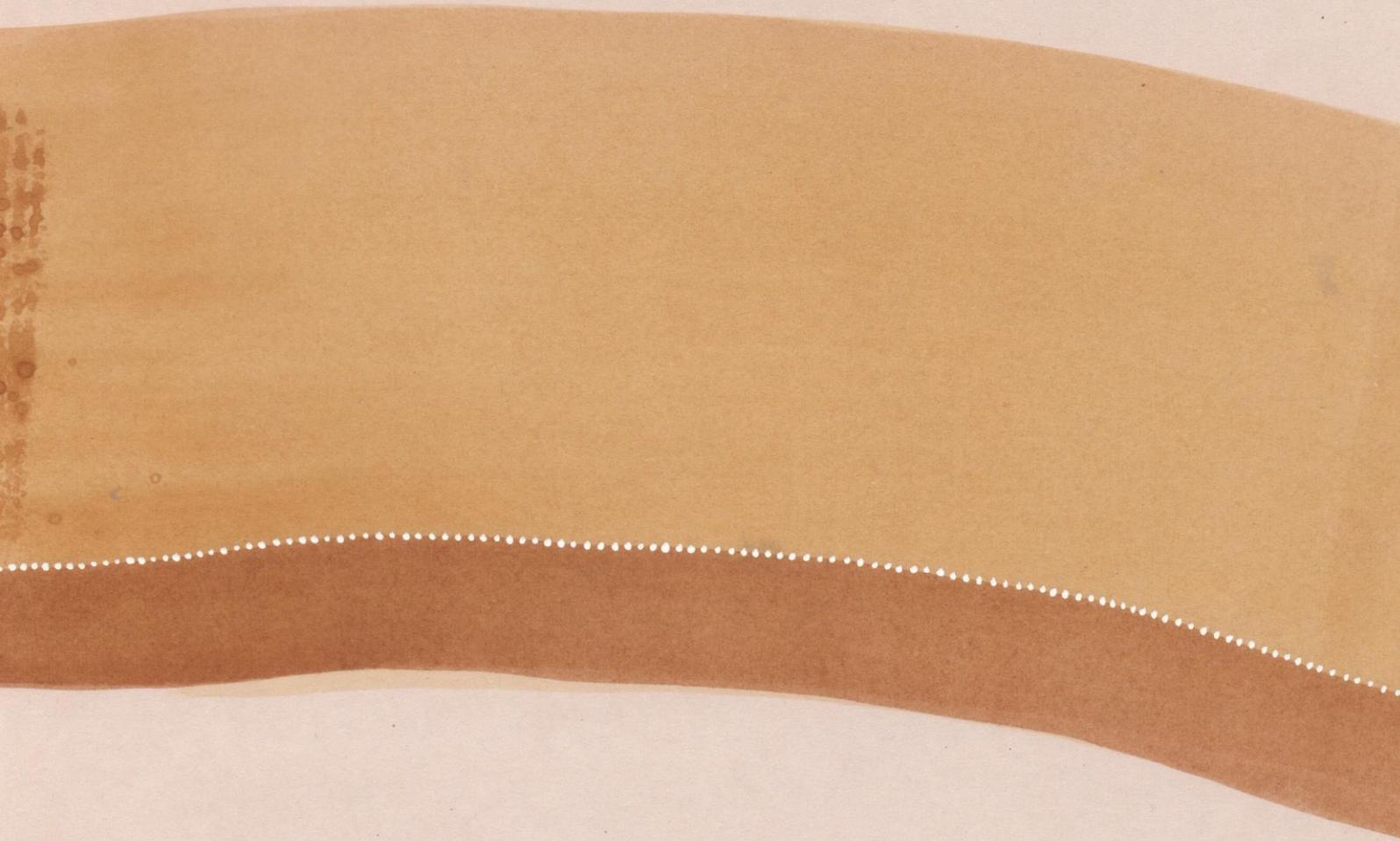
Os cristãos têm suas igrejas
para fazerem oração.
E nelas não se precisa
deixar na porta os sapatos
como se faz noutros templos.



Uma ponta de tristeza
Pepedro sempre sentia,
pois havia muitos pobres
no meio daquela gente.
Suas casinhas cinzentas,
com telhadinhos de palha,
brotavam daqui e dali
pelos cantos da cidade.
Muitos nem casa tinham.
Viviam na rua mesmo,
doentes ou sem trabalho.
Durante o dia, suas camas
ficavam encostadas no muro.
Tomavam banho nas bicas,
faziam sua comida
em fogõezinhos de pedra
e esmolavam pelas ruas,
junto com suas crianças.



os caminhos



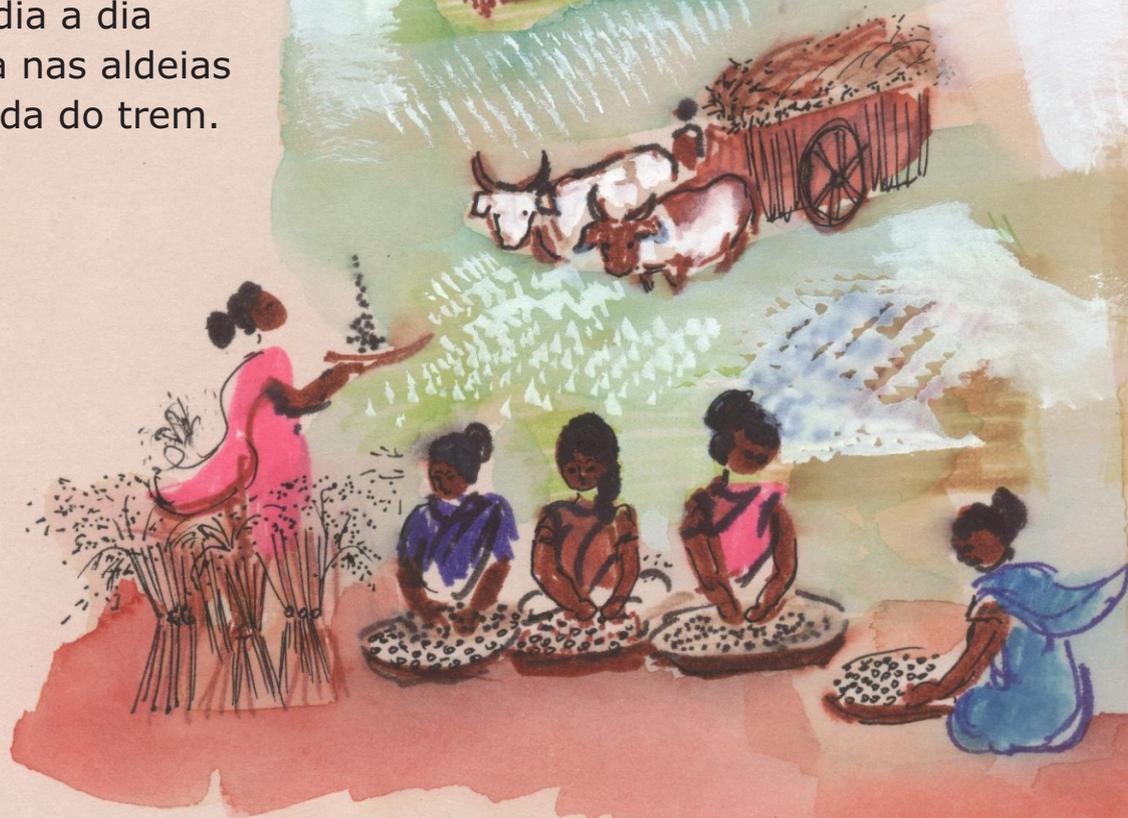
Mas Pepedro logo daria
seu adeus à capital,
pois os grandes da família
precisavam trabalhar
e encontrar muita gente
de outras partes do país.
E de trem, como de lá é costume,
a família foi viajar
pelos caminhos da Índia.

Vocês sabem que a Índia só tem metade do tamanho do Brasil? Mas lá vive muito mais gente: sete vezes mais que aqui. E de cada cinco indianos, três moram em aldeias espalhadas pelos campos.



Assim, se Pepedro viajasse de avião por toda a Índia, ele veria lá embaixo as terras em quadradinhos e listas de plantações, as aldeias pequeninas bem pertinho umas das outras, e as estradas de ferro cortando todo lugar. Seria raro passar em cima de uma cidade.

Por sua janelinha,
o menino foi conhecendo
um pouco do dia a dia
de quem mora nas aldeias
perto da estrada do trem.



Viu gente plantando e colhendo
o arroz, o trigo, o algodão.
Mulheres cuidavam das frutas,
meninos seguiam cabritos,
tiravam leite das vacas
na varanda das casinhas
ou brincavam com as galinhas.



Bois e búfalos no arado e na estrada, a levar palha, ajudavam os camponeses no trato com a plantação.

De dia o sol era forte. Os homens, de pouca roupa, vestiam tanga e turbante e as moças faziam chapéus com a ponta do sari.

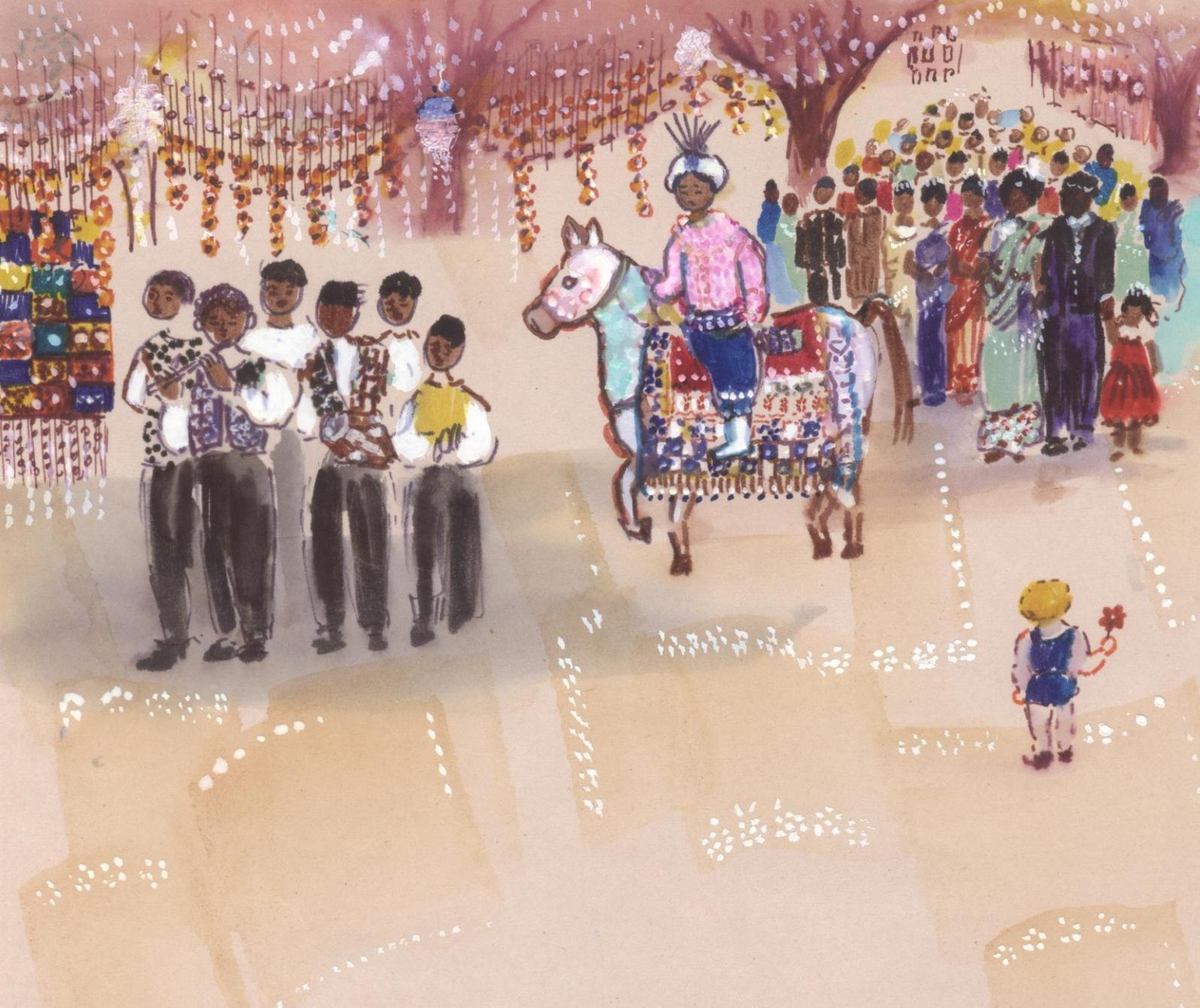
Como os rios não passavam em muitas daquelas aldeias e as chuvas só aparecem nos meses de junho a setembro, os campos eram cortados por reguinhos e canais.



No outro dia, bem cedo,
a chegada à estação.
Que linda era Jaipur,
no Estado do Rajastão!



Parecia que era feita
de toquinhos coloridos.
A muralha cor de rosa
cercava toda a cidade.
Tudo pra ele era novo!
Pepedro nem sabia
o que ia olhar primeiro:
os macacos nos telhados,
as caudas dos pavões
passeando pelos muros,
os camelos e elefantes
levando coisas nas costas...



Um dia, parou pra ver
um casamento indiano:
na frente, a banda de música;
depois, um cavalo branco
de capa bordada em brilhos
com o noivo todo enfeitado.
Atrás, vinham os convidados
em roupas chiques, de gala,
alegremente cantando,
fazendo a festa na rua.
Enquanto isso, a noiva
se aprontava em sua casa.



Um ar de festa e de pressa
e gente por todo lado
impressionaram Pepedro
no passeio em Kolkata.

Kali, a deusa preta,
toma conta da cidade.
Flores vermelhas enfeitam
seus templos,
bandeiras vermelhas
enfeitam as ruas.





Pepedro olhava surpreso
e falava o tempo todo:
quanta gente, que barulhada!
Olha aí o bonde caindo de povo!
Lá vem o homem do riquixá
correndo, suando,
levando gente na sua carroça...
Quantos pobres pelas ruas,
debaixo das pontes e marquises...





Com muito canto e alegria
Kolkata comemorou
a festa de Sarawasti.
Vinham os meninos
tocando os tambores,
levando as imagens
da deusa pro rio.
Traziam presentes,
pediam a ela ajuda no estudo,
porque é a deusa da sabedoria.
No fim, foram todos
pras águas do Ganges:
imagens, presentes,
também os meninos.





Outra vez chegou a hora
das trouxinhas arrumar.
Pepedro foi para o sul,
pra bem pertinho do mar.
E foi lá que arranjou
amiguinhos pra brincar.
Mas era muito engraçado
cada qual de um lugar...
Jonu vinha da Austrália;
Samuel, do Canadá.
Do Brasil, vinha Pepedro
e da Índia era o Harsha...

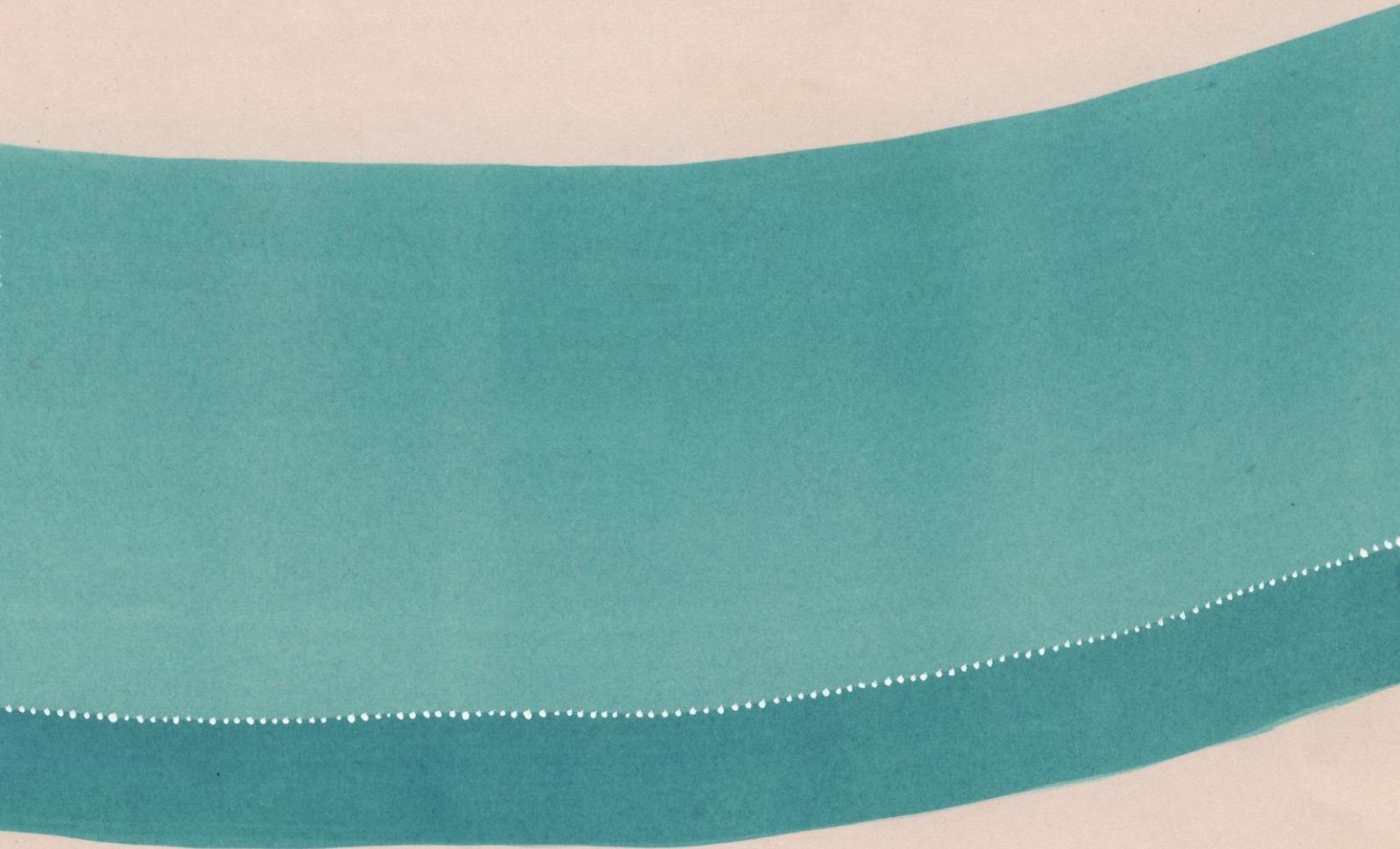


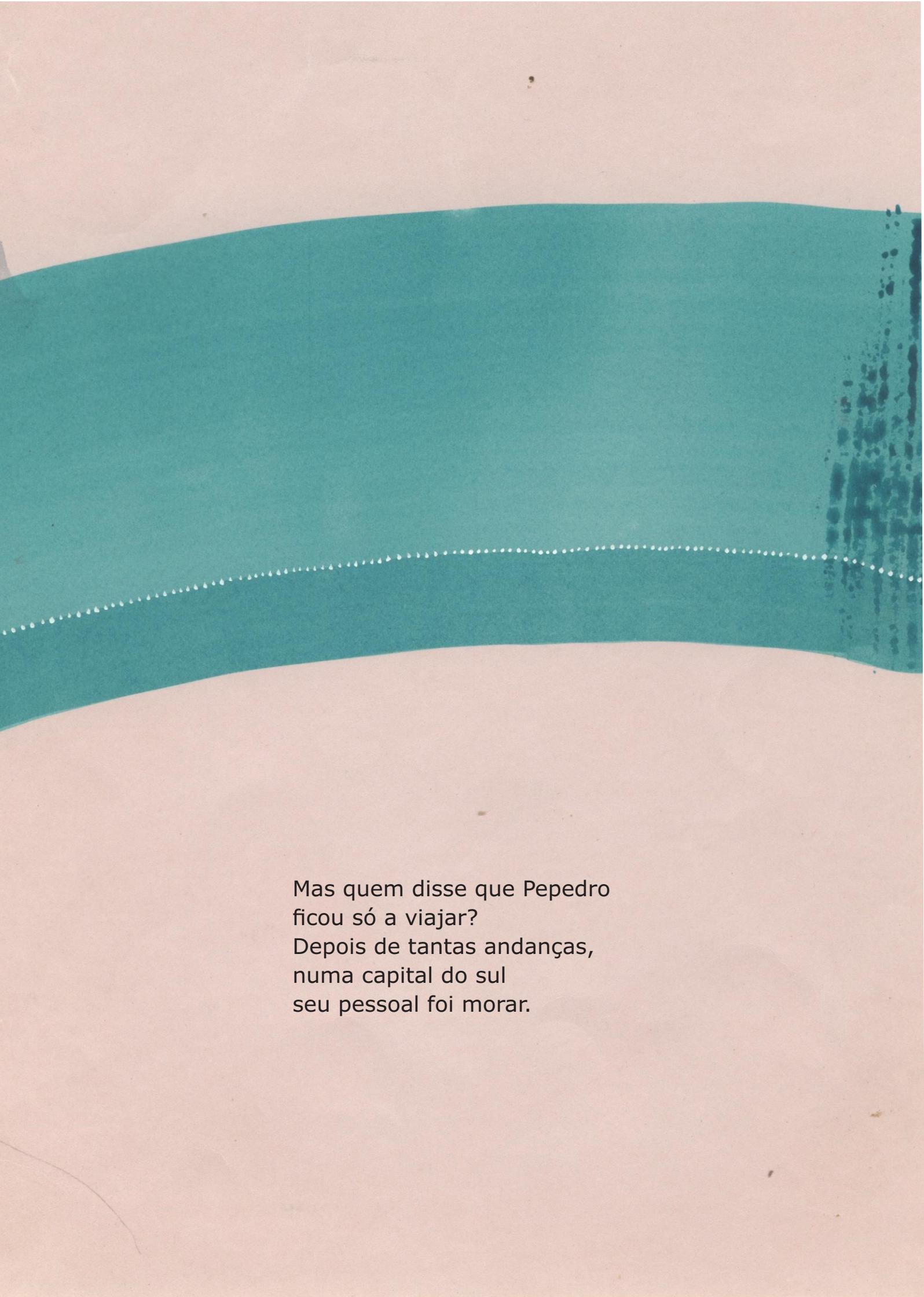


Que calorão fazia!
E Pepedro não acreditava
quando papai contava
que, naquele mesmo dia,
lá no norte do país,
o povo de Kashmir,
de luvas, gorro e mantô,
batia o queixo de frio
e via a neve branquinha
no alto dos Himalaias...



a morada



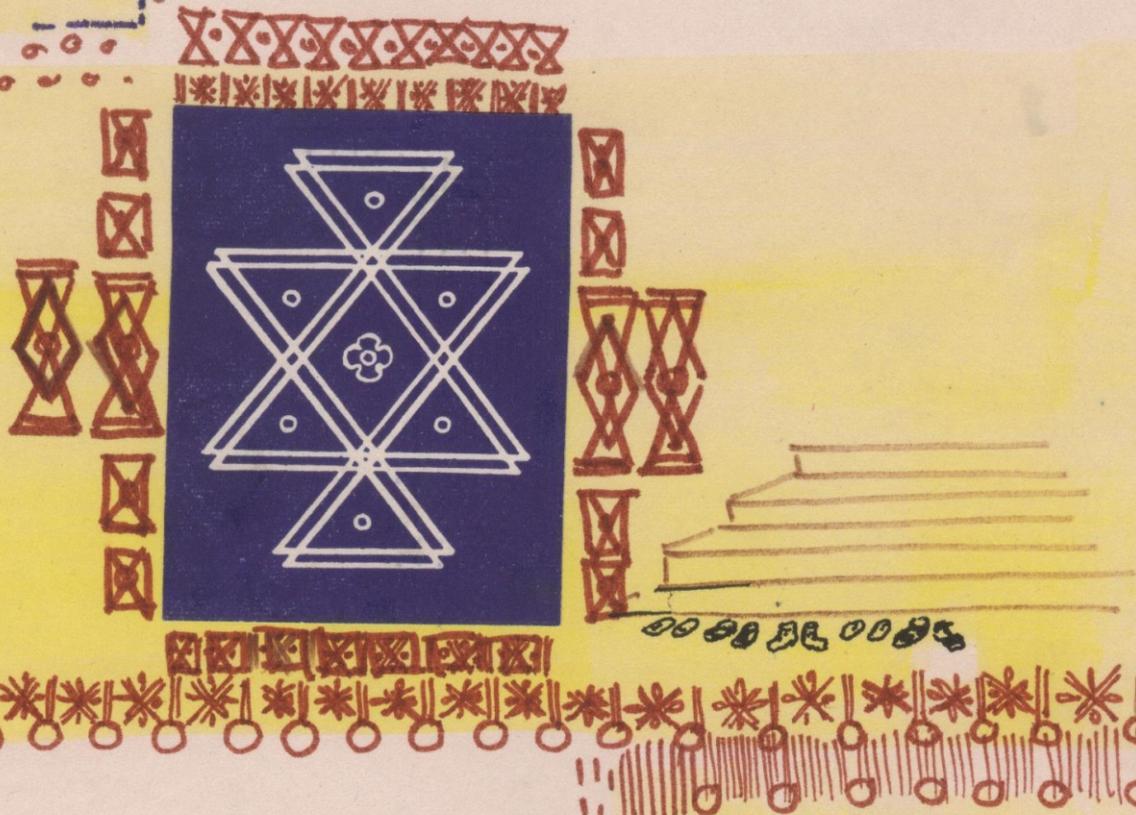
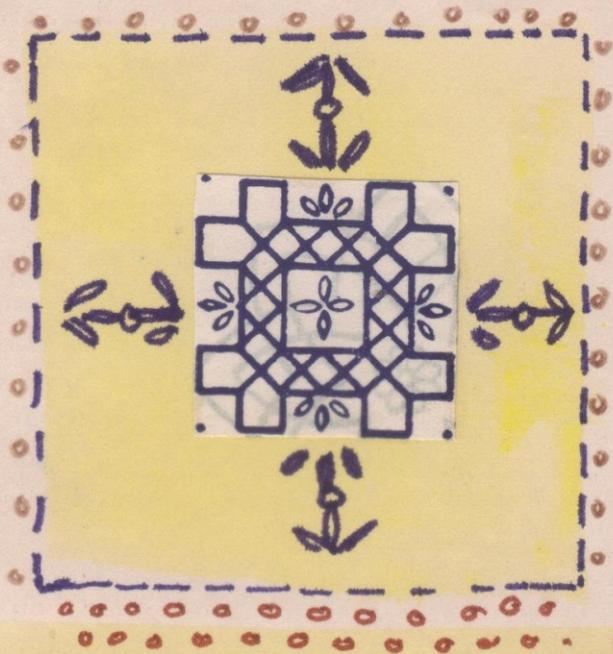
The background features a large, abstract composition. A wide, teal-colored band curves across the upper half of the page. Below it, a thin, white dotted line follows a similar curved path. The bottom half of the page is a solid, light beige color. The overall aesthetic is minimalist and modern.

Mas quem disse que Pepedro
ficou só a viajar?
Depois de tantas andanças,
numa capital do sul
seu pessoal foi morar.



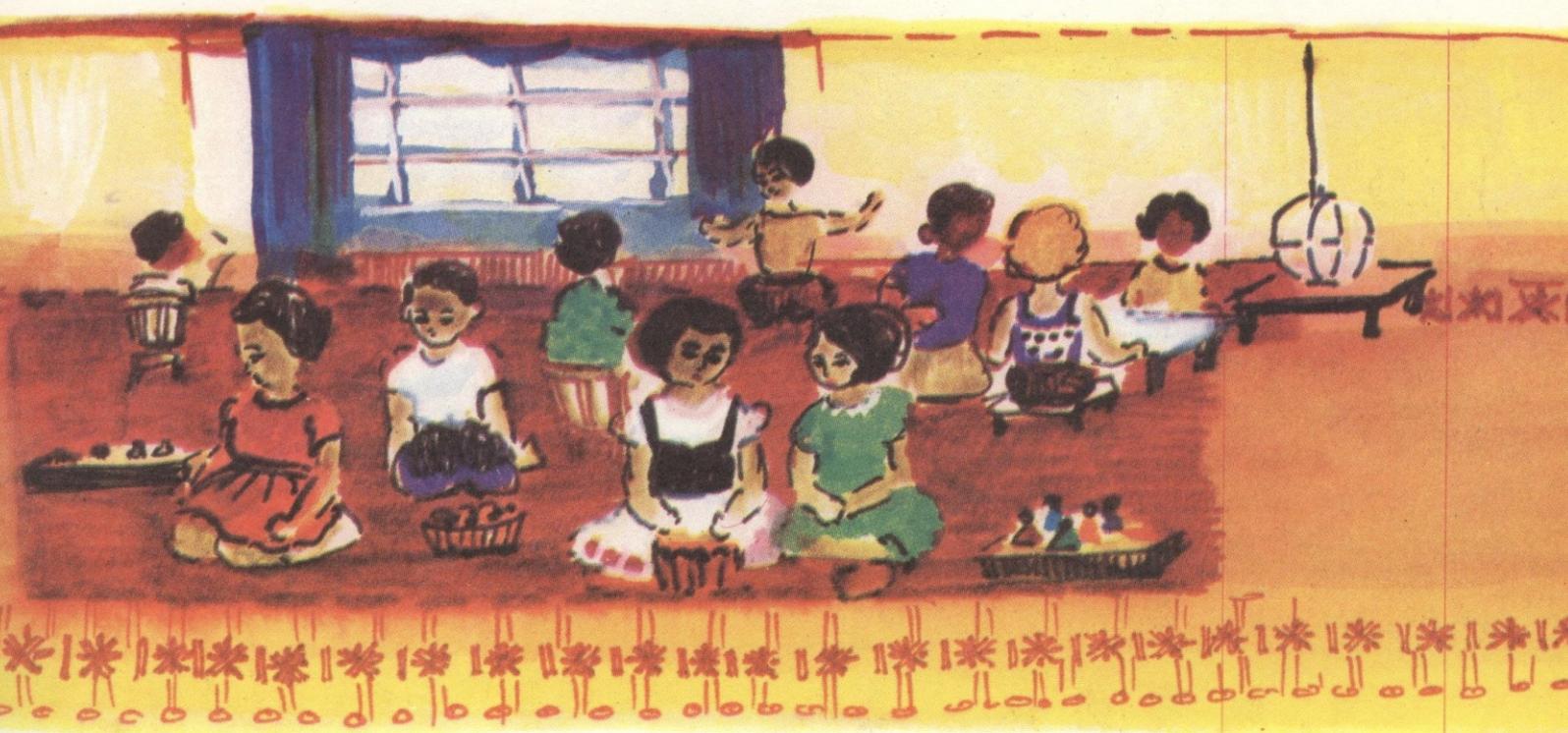
Bengaluru era a cidade cheia de parques floridos. E como se assemelhava às terras de Minas Gerais! Durante um ano inteirinho Pepedro ali viveria a vida do dia a dia. De manhã, quando acordava, saudava o sol do nascente conforme o uso do yoga. Logo depois do café, de sacolinha no ombro Pepedro ia pra escola.

Kolams são estes desenhos, que enfeitam toda calçada em frente à porta das casas. Trazem sorte e alegria. Nos tempos de antigamente, eram feitos à tardinha com arroz ou com farinha. As formigas e bichinhos tinham ali seu jantar. Por isso não precisavam dentro de casa entrar.



No chão da porta da escola a surpresa a esperar: que desenho multicolor, feito em pozinhos de giz, ele iria encontrar?





Um mundo de estórias,
pincéis, brincadeiras,
a turma encontrava.
Depois da merenda,
a hora melhor:
a "teacher" tocava
canções no piano
e a turma cantava
virando os olhinhos,
mexendo com as mãos.

Daí a pouquinho,
o Ganesh, o Prakash,
a Shima, a Naju
e toda a meninada
já vinham chegando.
Pintinha na testa,
olhinhos pintados,
diziam "good morning"
em vez de bom-dia.

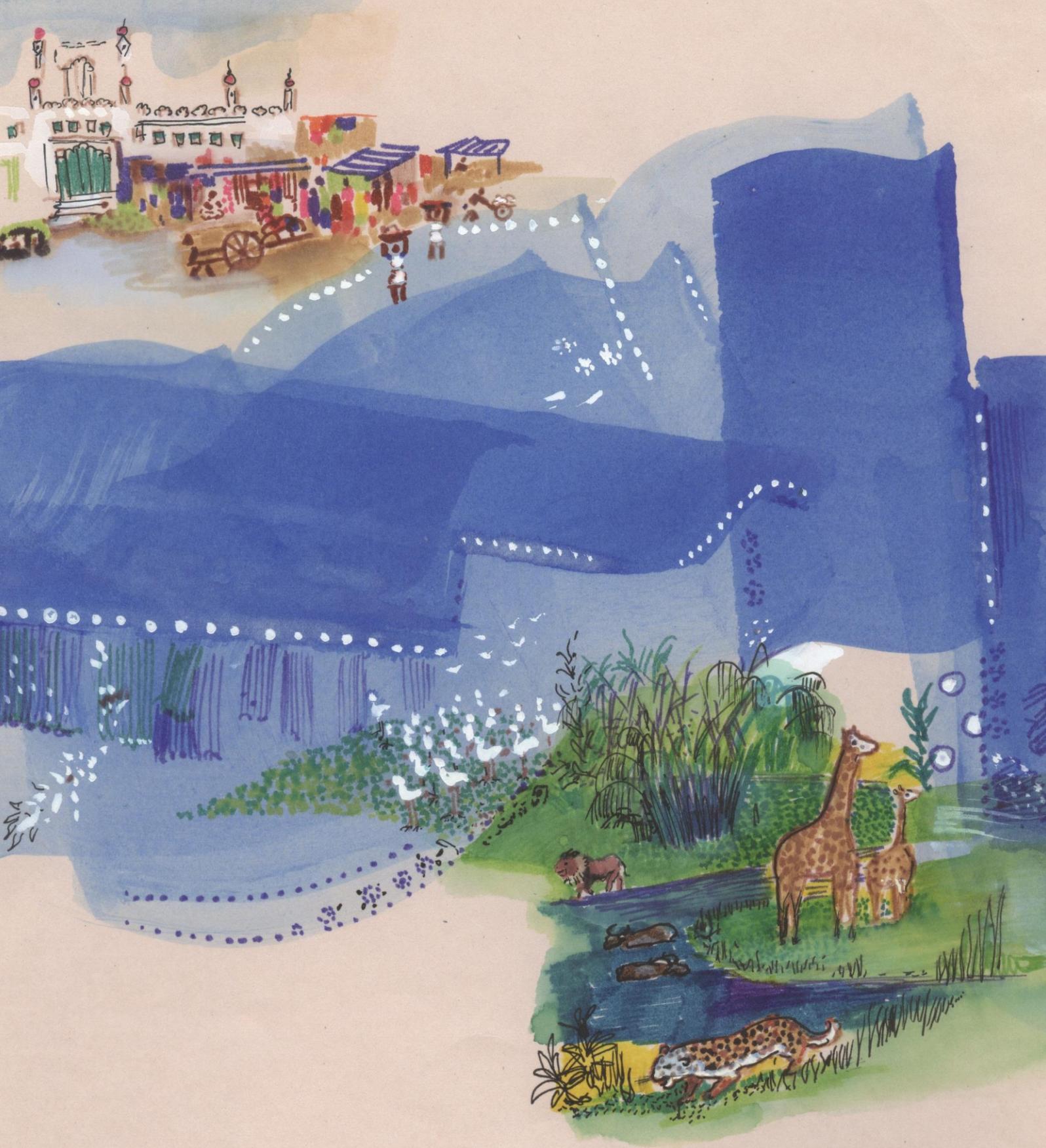
Se era domingo,
os passeios variavam:



ouvir música no parque,



ver uma dança bonita,



passar pelos mercados
passar a tarde no zoo,



ou visitar um palácio
ali perto da cidade.

Tronos de ouro, de pedras,
lustres e pisos do estrangeiro,
mundo de luxo e riqueza
feito por mãos indianas.
Morada de marajás
até muitos anos atrás,
hoje marca a lembrança
de tempos que não há mais.



Em dias de festival,
era muito divertido
sair a pé pelas ruas.
Podia-se achar numa esquina
gente de rosto pintado
dando susto nas crianças
ou andando em procissão,
cantando hino pros deuses
e até dançando aos pares
como se faz nas quadrilhas.





Nos festejos do Pongal, celebrados em janeiro, vinham bois, vacas, bezerros, com os chifres de toda cor. Em fila, ganhavam bênçãos no templo do deus-boi Nandi. Seus donos, em oração, também iam agradecer a ajuda que têm pra viver: do leite que os alimenta, da força que puxa o arado e transporta a produção, das fezes que, ao secar, dão o esterco das plantas e o fogo pra cozinhar.

Já se pode ver por que os indianos não usam matar o gado e comer. Não é à toa que ele ganha, por lá, muito agrado, sendo até dito sagrado. Bem que faz por merecer!

De noite, vinham a lua
e o cansaço da folia.
Pepedro logo dormia,
sonhos bonitos sonhava:
era uma vez um menino
que um dia foi viajar
lá pro outro lado do mar...



MARIA APARECIDA ANDRÉS RIBEIRO

Graduada e mestre em Filosofia, cursou o mestrado em Ciência Política, além de ser médica. Foi professora de Filosofia, pró-reitora de Extensão na UFMG e Consultora Legislativa na Câmara dos Deputados. Escreveu o livro infantojuvenil *Pepedro nos caminhos da Índia*, que narra as viagens de um menino brasileiro àquele país. Tem vários artigos, textos acadêmicos e literários publicados.

MARIA HELENA ANDRÉS

Artista visual, escritora e arte-educadora, completou sua formação artística no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Nova York. Foi professora e diretora da Escola Guignard na década de 1960. Participou de vários salões de belas-artes, bienais internacionais de São Paulo, tendo recebido inúmeros prêmios. Realizou exposições no Brasil, Estados Unidos, Europa e América Latina. Possui obras em diversos acervos públicos e também em coleções particulares no Brasil e no exterior. Iniciou trabalhos de integração cultural entre o Oriente e o Ocidente nos anos 1970, tendo feito muitas viagens à Índia, onde participou de seminários e festivais de arte. É autora de quatro livros, ilustrações variadas e possui dois blogs, nos quais publica casos de sua vida de artista e suas memórias de viagens.

<http://mariahelenaandres.blogspot.com/>

<http://memoriaseviagensmha.blogspot.com/>